

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

UZIEL SILVA DE SANTANA

**O CONCEITO DE MUNDOS POSSÍVEIS
UM OLHAR SOBRE O REALISMO MODERADO DE
ALVIN PLANTINGA**

FLORIANÓPOLIS 2019

UZIEL SILVA DE SANTANA

O CONCEITO DE MUNDOS POSSÍVEIS
UM OLHAR SOBRE O REALISMO MODERADO DE
ALVIN PLANTINGA

TRABALHO DE CONCLUSÃO
DO CURSO BACHARELADO
EM FILOSOFIA, PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA.

ORIENTADOR
Prof. Dr. Cezar Mortari

FLORIANÓPOLIS 2019

Santana, Uziel Silva de
O conceito de mundos possíveis : Um olhar sobre o
realismo de Alvin Plantinga / Uziel Silva de
Santana ; orientador, Cezar Augusto Mortari, 2019.
39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em
Filosofia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. mundos possíveis . 3. alvin
plantinga. 4. modalidade. I. Mortari, Cezar Augusto
. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Filosofia. III. Título.

UZIEL SILVA DE SANTANA

**O CONCEITO DE MUNDOS POSSÍVEIS: UM OLHAR SOBRE O REALISMO
MODERADO DE ALVIN PLANTINGA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Filosofia, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Filosofia.

Florianópolis, 26 de novembro de 2019.

Profa. Dra. Janyne Sattler Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cezar Augusto Mortari
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Jonas Becker Arenhart
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Celso Reni Braidá
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador

Jerzy André Brzozwski
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador (Suplente)

Sou grato a todos que
de algum modo me apoiaram
neste trabalho.

Resumo

Mundos possíveis, o que são? Neste trabalho de conclusão de curso falarei um pouco a respeito da discussão em torno desse tema. Inicialmente voarei sobre três teorias de mundos possíveis, começando com Lewis e seu Realismo Extremo, indo para Kripke, e depois para o autor que pretendo analisar mais profundamente, Alvin Plantinga. Utilizarei para minha análise da teoria de Plantinga, um artigo chamado “Actualism and possible worlds”. Posteriormente a isso apresentarei uma crítica que Chihara faz a visão de Plantinga.

Minha intenção é apresentar uma visão geral de algumas concepções de mundo possíveis e comentar os principais pontos da teoria de Plantinga.

Palavras-chave: Mundos Possíveis, Realismo Extremo, Realismo Moderado, Atualismo, Alvin Plantinga.

Abstract

Possible worlds, what are they? In this paper, I will address this topic, which belongs to the area of metaphysics. I will initially fly over three possible world theories, starting with Lewis and his Extreme Realism, going to Kripke, and then to the author I intend to analyze further, Alvin Plantinga. I will use for my analysis Plantinga texts, an article called "Actualism and possible worlds". In conclusion, Chihara criticizes Plantinga's view.

My intention is to present an overview of some possible world views and comment on the main points of Plantinga's theory.

Keywords: Possible Worlds, Extreme Realism, Moderate Realism, Actualism, Alvin Plantinga

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 Um Sobrevoó - Do Realismo Extremo ao Moderado.....	11
1.1 A teoria de contrapartes de Lewis.....	12
Capítulo 2 Concepção Canônica de Kripke.....	15
2.1 Proposições em Kripke.....	16
2.1.1 Propriedades e Relações em Kripke.....	17
2.2 Quantificação e um ponto central.....	17
Capítulo 3 Plantinga e seus mundos possíveis.....	20
3.1 Mundos e Livros	21
3.1.1 Mundos possíveis são estados de coisas.....	22
3.1.2 Livros.....	22
3.2 Propriedades.....	23
3.2.1 Distinção entre propriedade acidental e necessária.....	24
3.3 Essências.....	25
3.4 Domínios.....	26
3.5.Essências (Segunda parte).....	27
3.5.1 Domínios essenciais	27
3.6 Condições de Verdade em Plantinga.....	28
Capítulo 4 Críticas à teoria de Plantinga	31
4.1 A estrutura dos mundos possíveis de Plantinga.....	31
4.2 A prova de Chihara.....	34
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39

Introdução

Entendo como importante o estudo sobre a noção de mundos possíveis, porque acredito que a discussão desse tema pode nos ajudar a compreender melhor alguns problemas no campo da lógica, da metafísica e da linguagem.

O termo “mundos possíveis” é utilizado na filosofia para tratar de questões relacionadas à modalidade. Mas entendo que questões de modalidade transpassam as áreas acima citadas.

Utilizamos no dia a dia, de modo comum, a ideia de possibilidade, quando tratamos de como algo poderia ter sido ou como algo poderia ser. Por exemplo, quando dizemos que Getúlio Vargas poderia ser cego. Temos aqui uma sentença que trata de uma possibilidade de que Getúlio Vargas poderia ter sido um homem cego. Mas então surgem alguns questionamentos. Quando digo “Getúlio Vargas poderia ter sido cego”, estou lidando apenas uma com proposição, apenas uma sentença? Ou falo de um estado de como as coisas poderiam ser? Ou isso é apenas uma forma de nos organizarmos quando afirmarmos a possibilidade de uma ou outra coisa? Há um lugar como esse aqui em que escrevo, que existe fisicamente, onde Getúlio Vargas foi um homem cego?

São vários os caminhos e as dúvidas que se apresentam. E se afirmo que trata-se de um mundo que é possível e concreto como o atual, tenho então que lidar com outros questionamentos, como o seguinte: em que pé se firma a garantia da existência de outro mundo? Baseado em que posso afirmar que há outro tal como esse mundo aqui? Um mundo onde houve Getúlio Vargas, e ele era um homem cego.

O assunto é denso e apresenta dificuldades até a respeito da possibilidade de estudarmos o mesmo, como apresenta Mendonça:

Por outro lado, para os críticos, a metafísica dos mundos possíveis é indefensável haja vista, ao menos, três dificuldades: primeira, refere-se à prioridade ontológica do mundo atual sobre os demais mundos possíveis. Ao que parece, os teóricos da metafísica dos mundos possíveis deixam transparecer que mundo atual e mundos possíveis não são do mesmo tipo, embora eles se esforcem para demonstrar que sim, o mundo atual é um dos infinitos mundos possíveis. A segunda dificuldade é a apontada por Susan Haack (2002). De acordo com Haack, afirmar que “existem outras maneiras como o mundo poderia ser” não é a mesma coisa que se referir a uma entidade nomeada “a maneira como o mundo pode ser”. Nesta mesma linha, Kripke (2012) afirma que situações contrafactuais podem ser pensadas ou consideradas quando tratamos de qualificar modalmente os valores de verdade das proposições, mas isso não significa um compromisso com mundos alternativos, os quais poderiam ser descobertos com telescópios. E finalmente, uma terceira dificuldade: (i) postula-se uma pluralidade de mundos possíveis, mas é assumido que (ii)

somente um desses mundos é o atual, os demais são meramente possíveis. Mas, o que é meramente possível não existe, portanto, somente o mundo atual é possível, o que incompatível a tese (i). O antagonismo sugere uma dificuldade para o estabelecimento da natureza metafísica dos mundos possíveis. (Mendonça 2015, p.26)

Dos que arriscam a enfrentar essa discussão, irei me utilizar do pensamento de quatro teóricos. Iniciarei apresentando o pensamento de Lewis e o seu realismo extremo a respeito de mundos possíveis. Posteriormente abordarei a teoria de Plantinga, mas não sem antes fazer uma apresentação da visão de Kripke, que ao meu ver, serve, em algum grau, para o modo como Plantinga explicita sua teoria. Dos que criticam a teoria de Plantinga, apresentarei alguns argumentos de Chihara. Concluirei apresentando minha visão sobre a discussão a respeito de mundos possíveis.

Capítulo 1

Um Sobrevoô - Do Realismo Extremo ao Moderado

O Realismo Extremo de David Lewis

Acredito que há mundos possíveis além daquele que habitamos. Se se quer um argumento, é este. É incontroverso que as coisas podem ser diferentes do que são. Eu acredito, e você também, que as coisas poderiam ter sido diferentes de incontáveis maneiras. Mas o que isso significa? A linguagem comum permite a paráfrase: Há muitas maneiras que as coisas poderiam ter sido além da maneira que elas realmente são. À primeira vista, esta frase é uma quantificação existencial. Ela diz que existem muitas entidades de uma certa descrição, a saber, “maneiras que as coisas poderiam ter sido”. (...) Creio, portanto, na existência de entidades que poderiam ser chamadas de “maneiras que as coisas poderiam ter sido”. Prefiro chamá-los de “mundos possíveis”. (Lewis 1973, p.84)

Lewis crê que existem entidades chamadas “modo como as coisas poderiam ter sido”. Ele apoia essa ideia na noção, que no geral temos, de que as coisas poderiam ser diferentes. Como também na ideia de que a linguagem ordinária nos permite falar coisas como “muitas coisas poderiam ser diferentes de como são agora, não acha?”.

Ele defende que estados alternativos de mundos existem do mesmo modo que existe esse no qual escrevo este trabalho, e que entidades chamadas “mundos possíveis” exemplificam esses estados. Para ele não se trata de entidades abstratas, como alguns poderiam crer, mas na verdade de mundos iguais ao nosso, todos os “modos como as coisas poderiam ser”, todos.

É desse modo, frontal e assertivo que Lewis enfrenta a questão da existência de mundos possíveis. Para ele, trata-se de outros mundos como este em que estamos e que existem do mesmo modo como este, ou seja, fisicamente e espaço temporalmente. Isso “são modos como as coisas poderiam ter sido” e a esses modos, ele dá o nome de mundos possíveis.

Todas as possibilidades, para Lewis, são modos de como as coisas podem ser e existem como tudo que temos no mundo atual. Tudo que temos aqui poderia estar em estados diferentes. Ele coloca desse modo e afirma a existência de uma variedade infinita de mundo possíveis, não sendo apenas possibilidades como no caso da história brasileira. Uma sentença como “Brizola poderia ter sido presidente do Brasil” representa não apenas uma possibilidade ou é apenas uma proposição, mas sim que existe um mundo possível onde isso de fato é o caso e lá nos livros de história brasileira, Leonel Brizola é de fato tido como 32º presidente do Brasil.

E Lewis afirma que quer ser entendido realmente dessa forma:

Quando eu professo o realismo sobre mundos possíveis, eu quero que seja tomado literalmente. Mundos possíveis são o que são, e não alguma outra coisa. Se perguntam que tipo de coisa que eles são, eu não posso dar o tipo de resposta que meu interlocutor provavelmente espera: isto é, uma proposta para reduzir mundos possíveis a outra coisa. Eu só posso pedir-lhe para admitir que ele sabe o tipo de coisa que nosso mundo atual é, e, em seguida, explicar que mundos possíveis são coisas desse tipo, diferindo não em espécie, mas apenas no que se passa com eles. (Lewis 1986, p. 85)

Lewis não deixa dúvida alguma de que está disposto a defender essa visão. E dessa forma como ele coloca, ontologicamente, todos os mundos teriam o mesmo estatuto. Para Lewis, este mundo em que vivemos e que experimentamos é apenas um dos tantos que podem ser.

Para enfrentar a questão que surge sobre porque crer que de fato todos os mundos possíveis são igualmente concretos, Lewis coloca, de modo pragmático, que devemos aceitar e compreender os mundos possíveis desse modo porque essa forma é útil e torna as coisas teoricamente mais simples.

Sim, ele sustenta que devemos aceitar e pensar sobre mundos possíveis a partir dessa ótica, por uma questão pragmática.

1.1 A teoria de contrapartes de Lewis

Para lidar com as dificuldades a respeito de como, em sua teoria, se dá a identificação de indivíduos em mundos distintos que não possuem qualquer relação causal ou acessibilidade, Lewis apresenta a sua teoria de contrapartes. Nesta teoria, ele busca oferecer respostas a questionamentos relativos à identificação de objetos que existem em um mundo e em outro. Como também para tratar de casos sobre o valor de verdade das sentenças modais.

Para entender a teoria das contrapartes, sua tese do isolamento entre os mundo se faz necessária.

- Tese do isolamento

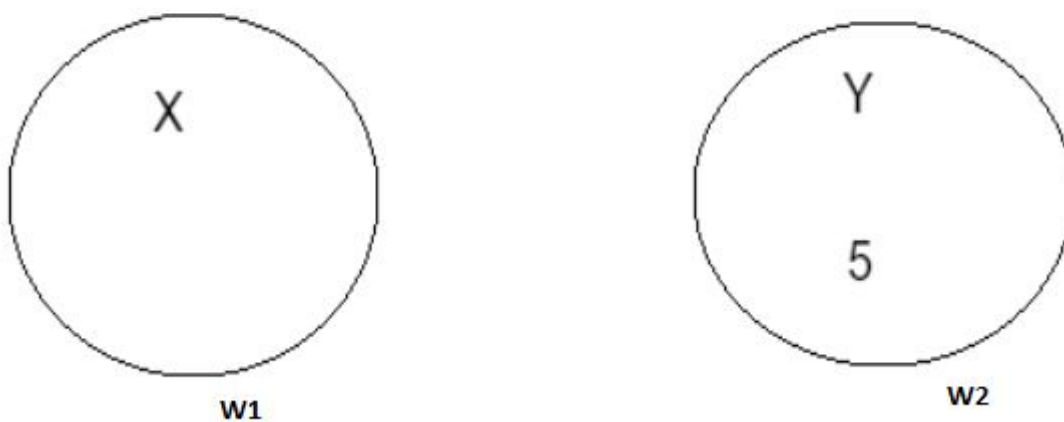
Os mundos possíveis são totalmente isolados, espacialmente e temporalmente. Não existe entre eles qualquer relação de causa. Ou seja, nada do acontece em um mundo, afeta

qualquer coisa em outro. Não há possibilidade alguma de algo de um mundo acessar outro mundo. Eles não têm qualquer tipo de ligação ou conexão que possa levar entre eles informação.

Os mundos são algo como planetas remotos: exceto que muitos deles são muito maiores que meros planetas, e eles não são remotos. Nem estão perto. Eles não estão a nenhuma distância seja qual for daqui. Eles não estão longe no passado ou futuro, nem, no que diz respeito ao assunto, perto; eles não estão a nenhuma distância temporal seja qual for do agora. Eles são isolados: não há relações temporais sob quaisquer condições entre coisas que pertencem a mundos diferentes. (Lewis 1986, p. 2)

Inicialmente, para explicitar o modo como encara o problema de identificação de indivíduos entre mundos, Lewis substitui a ideia de identidade, pela ideia de semelhança. Então dizemos que existe um indivíduo X e em outro mundo um indivíduo Y, que é o mais similar ao X, sendo esse sua contraparte.

“A relação da contraparte é nosso substituto para a identidade entre coisas de diferentes mundos. (...) Você está no mundo atual e em nenhum outro, mas você tem contrapartes em diversos outros mundo. Sua contra parte assemelha-se mais a você do que outras coisas nesse mundo.” (Lewis, 1968, p.114)



A ideia central é que em um mundo W_1 , um objeto Y pode ser a contraparte de um objeto X em um mundo W_2 , mesmo que não sejam idênticos, se não há nada mais semelhante ao objeto X em W_2 , em W_1 .

No modelo acima, por similaridade da forma, Y é a contraparte de X , por ser aquilo que formalmente mais se assemelha a X , em W_2 .

Acontece que essa proposta de uma teoria das contrapartes, para responder aos questionamentos sobre como identificar indivíduos semelhantes nos vários mundos possíveis, não parece apresentar resposta adequada. E enfrenta algumas dificuldades como num caso onde Platão poderia ter sido um cético. Tomemos então como sendo o caso que há um mundo possível onde Platão é um cético. Mas que nesse mundo também há um outro indivíduo muito semelhante a Platão, mas que não é um cético. Como poderia dizer qual deles é Platão naquele mundo? Tendo em vista que para Lewis nenhum indivíduo está em mais de um mundo, mas sim que há contrapartes de indivíduos em outros mundos possíveis. Lewis tenta responder esse questionamento através de uma perspectiva onde são colocados critérios que podem variar. Algo que depende de qual critério será escolhido para ser o critério de semelhança entre os indivíduos.

Sobre a visão geral de Lewis a respeito de mundos possíveis, que é o ponto central dessa seção do trabalho, posso dizer ele se coloca no extremo, ao garantir a existência concreta de todos os mundos possíveis. E tendo como ponto mal resolvido, além de sua teoria frágil das contrapartes, a utilização de apoio ou sustento de sua tese, o pragmatismo. “Porque acreditar em uma pluralidade de mundos? devido a essa hipótese ser útil, é que isso é uma razão para pensar que ela é verdadeira” (Lewis 1986, p.3). O que é um tanto difícil de ser aceito, dado o peso das ideias que ele postula em relação a mundos possíveis como sua igualdade ontológica a todos ou a mesma concretude atribuída aos mesmos, mas que segue a tradição de pensamentos, onde Lewis se enquadra, na qual as entidades são postuladas em função da sua utilidade.

Capítulo 2

Concepção Canônica de Kripke

Introdução a Kripke

Antes de falar diretamente sobre a teoria de Plantinga, acredito que este breve capítulo seja importante para introduzir algumas críticas, como também apontamentos centrais, que ele faz à concepção de Kripke, dado que ele parte dela, em muitos pontos, para a explicação de sua teoria atualista e muito embora o faça dessa forma, na maioria das vezes, para criticá-la. Plantinga entende que os esforços que foram feitos para gerar uma compreensão semântica para a lógica modal, como também para estudos que visavam compreender melhor a linguagem natural, são positivos. E esses esforços, como ele coloca, geraram o que se entende por “concepção canônica”.

Na concepção de Kripke, mundos possíveis são comumente utilizados para se referir a modo como as coisas poderiam ser. Dentre os mundo possíveis, esses modos como as coisas poderiam ser, um deles é chamado de α . Sendo esse o que temos com sendo o “mundo atual” e os outros ficam sendo aqueles que são meramente possíveis.

Para Kripke, cada mundo possível W tem um conjunto de indivíduos ou objetos, que são o domínio de W , e esses membros do domínio de W são aquilo que existe em W . Mas é preciso entender que, para ele, existem outros objetos, diferentes dos que existem em W , que podem existir em outros mundos possíveis.

Seguindo nessa linha, o entendimento de Kripke é que existe uma união dos domínios de todos os mundos possíveis. Essa união é chamada de U . União essa que seria um conjunto que contém todos os objetos que existem em α e aqueles que mesmo não existindo no mundo atual, existem em outros mundos possíveis.

Vejamos agora como Kripke compreende as proposições em sua teoria.

2.1 Proposições em Kripke

Na concepção de Kripke, propriedades, do mesmo modo que proposições, são entidades teóricas conjuntistas. No caso das proposições, elas podem ser entendidas como conjuntos de mundos possíveis e partir do entendimento que proposições são conjuntos de mundo, temos que:

- Uma proposição é verdadeira em um determinado mundo W se W pertence a proposição (que é um conjunto de mundos).
- Uma proposição é necessária apenas se ela for verdadeira em todos os mundos possíveis.
- Uma proposição é possível se ela for verdadeira em pelo menos em um mundo possível.

2.1.1 Propriedades e Relações em Kripke

No caso das propriedades, que também são consideradas entidades teóricas conjuntistas, temos algo como funções que relacionam mundos possíveis a conjuntos dos membros da União dos Domínios (U). A ideia aqui é que se há uma propriedade P , essa propriedade é na verdade uma extensão de um termo no mundo W . Temos então que “um conjunto de objetos que é o valor de P , para o mundo W .” (Plantinga 1976, p.140). Em outras palavras, podemos dizer que um objeto tem a propriedade P , em um determinado mundo W , se estiver na extensão de P em W . E aqui é importante colocar que Kripke mantém aberta a ideia de que um objeto pode ter propriedades diferentes, em mundos diferentes. Por exemplo, no mundo atual, Uziel é um estudante de filosofia. Uziel tem essa propriedade de ser estudante de filosofia. Mas é possível que, em outro mundo, ele não tenha essa propriedade, tendo na verdade tenha a propriedade de ser um pescador de alto mar. E então no sentido modal, podemos dizer que um objeto tem uma propriedade contingente se ele tem a propriedade em pelo menos um mundo possível, mas não a tem em outro mundo possível.. Do mesmo modo que ele tem uma propriedade essencial, como a de ser um ser humano, em todo mundo possível em que ele exista.

Vejam agora, na teoria de Kripke, como ele entende a quantificação.

2.2 Quantificação e um ponto central

Nesta seção final do capítulo sobre a concepção de Kripke, falarei um pouco sobre como entende, em sua teoria de mundos possíveis, a questão da quantificação e nela, onde Plantinga apresenta um ponto central, no qual fica aberta a possibilidade de haver objetos que não existem, como explicarei mais ao final.

Agora tomemos a seguinte proposição

(1) $(\exists x)$ x é uma cadeira azul

Neste caso isso é verdade em um mundo W qualquer, se for o caso que no domínio deste mundo, está contido um objeto que tem a propriedade de ser uma cadeira azul.

Agora consideremos outras duas proposições

(2) $\diamond (\exists x)$ x é uma cadeira azul

e

(3) $(\exists x) \diamond$ x é uma cadeira azul.

(2) é verdadeira se há algum mundo possível no qual (1) também é verdadeira. Ou seja, se algum membro da união dos domínios (U) é também membro do domínio de algum mundo W e tem propriedade de ser uma cadeira azul.

Por outro lado, (3) é verdade apenas se o domínio de α contém um objeto que em algum mundo W tem a propriedade de ser uma cadeira azul.

Então, na concepção de Kripke, (2) pode ser verdadeira e (3) falsa se nenhum membro domínio de α for uma cadeira azul em algum mundo possível, mas se algum membro de U , a união dos domínios, for em algum mundo uma cadeira azul.

Embora, no geral, seja um esquema bem formado, bem apresentado e haja quem o considere engenhoso, há também aqueles que apresentam críticas ao mesmo. Um deles é Plantinga. E aqui falarei a respeito da deficiência que Plantinga indica na concepção de Kripke.

Plantinga em momento algum nega a importância e a contribuição da visão de Kripke para a compreensão de partes importantes das questões de modalidade. Mas ele entende que um ponto central do pensamento de Kripke deixa aberta a possibilidade de pensarmos que há objetos que não existem. Embora não seja essa a tese que a concepção de Kripke defenda, a teoria apresentada permite esse entendimento.

Inicialmente Kripke coloca que o domínio de α coincide com U. Mas ele não chega a jogar fora a ideia que dentre os mundos possíveis um deles é aquele onde existem as coisas que existem em qualquer outro, sendo esse o mundo α . Mas Plantinga apresenta uma proposição que implica que o domínio de α é diferente de U, baseado na ideia de que pode existir um objeto diferente cada objeto que existe em α .

Analisemos a proposição:

(4) Possivelmente, existe um objeto distinto de cada objeto que existe em α .

Então temos que existe um mundo possível em que há um objeto diferente de cada um que existe em α ; desse modo, o domínio de um mundo possível W contém um objeto que não é membro do domínio de α e, por consequência, podemos dizer que o mesmo acontece com U. Então, de acordo com isso, U contém um objeto que não existe em α e então não existe no mundo atual. Consequentemente, podemos dizer que ele não existe. Indo mais além, Plantinga entende que se então refutamos (4), ainda assim há um comprometimento, dentro do modelo de Kripke, com a ideia que podem haver objetos que não existem. Porque sem dúvida pode existir um mundo onde não existe Uziel, um mundo que tem essa falta, mas que não posso dizer que por isso ele é impossível, tendo em vista que não, Uziel não é um caso de necessário e sim de um

possível em um mundo. Então é possível que tenhamos um mundo W onde Uziel não existe. Mas e se for esse o mundo tido como real? Teríamos que lidar com o fato que em um mundo W qualquer, Uziel não existe e isso teria como consequência que o domínio de W é diferente de U. Ou seja, o conjunto de objetos possíveis teria objetos que não têm existência e Uziel seria um desses objetos. Dessa forma, podemos dizer que um dos problemas mais graves da concepção de Kripke é que ela carrega a ideia de que existem, ou podem existir, objetos inexistentes.

Na próxima seção deste trabalho, vou enfim falar sobre a teoria de Plantinga a respeito de mundos possíveis.

Capítulo 3

Plantinga e seus mundos possíveis

Realismo moderado de Alvin Plantinga

Neste capítulo falarei sobre o caminho que Plantinga decide tomar para, em sua visão, tornar possível a discussão sobre mundo possíveis. Ele desenvolve uma noção atualista de mundos possíveis, baseada em partes na concepção de Kripke, e a explicita a partir de alguns pontos principais, a saber: mundos, livros, proposições, propriedades, essências e domínios.

Abordarei neste capítulo essas categorias e falarei, em sua parte final, sobre como ele coloca em sua teoria as condições de verdade para proposições.

A teoria de mundos possíveis defendida por Plantinga assemelha-se bastante com a de outros chamados realistas moderados, que têm o entendimento de que mundos possíveis são reais, mas não são concretos.

Plantinga entende que a concepção canônica carrega imprecisões, sobretudo quando trata da noção de objetos não existentes, gerando uma certa confusão em torno do tema. E, que a concepção de Kripke carrega dificuldades para lidar com objetos que são impossíveis de alguma exemplificação no mundo. Ele entende que na verdade a concepção de Kripke carrega um certo preço ontológico substancial e que ou pagamos esse preço ou desistimos do estudo de mundos possíveis.

Plantinga busca desenvolver um modo de retirar o estigma que há sobre mundos possíveis, como uma totalidade ilegítima de objetos indistintos. E faz isso a partir de uma visão atualista. Sendo atualista, aqui, um modo de entender as questões relacionadas a mundos possíveis que se contrapõe à ideia de que poderia existir algum objeto inexistente ou que haja algum além dos que existem.

Plantinga nos oferece sua concepção atualista de mundos possíveis, que eu apresentarei na seguinte sequência de tópicos: Mundos e livros, Propriedades, Domínios, Essências e por final, Condições de verdade. Explico previamente que decidi dividir a seção sobre essências em duas partes, porque entendo como necessário, para aprofundar a visão de Plantinga sobre essências, falar um pouco sobre domínios. Como também acredito que seja necessária uma introdução sobre essências, antes de abordar a visão de Plantinga a respeito de domínios.

3.1 Mundos e Livros

Para iniciarmos uma abordagem a concepção de Plantinga, precisamos entender o que ele entende como “estado de coisas” ou sem tradução, “state of affairs”. Ele acredita que existem estado de coisas, embora não os defina. Como por exemplo:

- Fernando Henrique é um sociólogo
- 2 é um número inteiro

Dentro dessa noção de estado de coisas, ele faz a distinção entre aqueles que são estado de coisas atualizados e o que não são estão atualizados. Por exemplo:

Estado de coisas atualizados

Estado de coisas não atualizados

Guedes está sendo Ministro.

Lucas Melo é presidente do Brasil.

Elétrons são indivisíveis.

Um dólar vale hoje dois milhões de reais.

Plantinga entende que um estado de coisas como “Uziel é halterofilista” existe como qualquer outro estado de coisas. A diferença está apenas no fato dele não ser o caso, ou seja, não ser atualizado. Mas esse ainda assim é um estado de coisas que poderia ter sido atualizado, se as circunstâncias fossem diferentes no mundo atual. Mas o estado de coisas “4 é um número primo” é um estado de coisas impossível de ser atualizado, uma vez que números primos são números naturais que têm apenas dois divisores, o próprio número e o número um.

3.1.1 Mundos possíveis são estados de coisas

Na concepção de Plantinga, mundos possíveis são estados de coisas (Plantinga, 1976). Mas não é qualquer estado de coisas que ele considera um mundo possível. São apenas aqueles estados de coisas maximais e possíveis.

Para entender o que é um estado de coisas maximal precisamos entender o seguinte esquema:

O estado de coisas T inclui o estado de coisas T*, se o é o caso que sendo T atualizado, T* seja atualizado. E o estado de coisas T preclui o estado de coisas T* se e somente se T sendo atualizado, T* não é então atualizado.

Temos então que um estado de coisas T é maximal se para todo estado de coisas T*, T inclui ou preclui T*.

3.1.2 Livros

Para Plantinga, estado de coisas, possíveis ou não, são equivalentes a proposições. E ao conjunto de proposições verdadeiras em um mundo W, ele dá o nome de livro. Livros, assim como acontece com os estados de coisas, têm a propriedade de maximalidade. Portanto, para um livro L, ou L contém a proposição p ou contém a sua negação, não sendo possível no livro de um mundo, p e não p estarem contidos.

No caso do livro de α , o mundo atualizado, ele é o conjunto das proposições verdadeiras. Como, por exemplo, o céu é azul, o corpo humano é composto em sua maior parte de água, Uziel é estudante de Filosofia e qualquer outras proposição verdadeira em α .

Atentemos agora ao entendimento de Plantinga, a respeito das propriedades.

3.2 Propriedades

A respeito das propriedades, Plantinga acredita que os atualistas podem dar um certo aval ao sentimento de que objetos têm propriedade em um mundo como “um objeto x tem uma propriedade P em mundo W se e somente se não é possível que W seja atualizado e x tenha o complemento de P” (Plantinga 1976). Mas para ele, o cerne da concepção de Kripke, a respeito de propriedades, onde uma propriedade podem ser entendida como uma função que relaciona mundos possíveis a indivíduos, deve ser rejeitado.

Plantinga apresenta algumas dificuldades, que a concepção de Kripke a respeito de propriedades carrega. Segue abaixo uma delas.

1 - A não existência de propriedades distintas que sejam necessariamente coextensivas. Ou seja, se p1 e p2 são necessariamente coextensivas não seria o caso de haver em um mundo, um objeto que tenha a propriedade P1 e não tenha a propriedade P2. Porque uma função relaciona cada elemento de um conjunto a um elemento de outro conjunto. Por exemplo a propriedade de ser 2² é de modo necessário, coextensivo a propriedade de ser $\int_0^2 x^2 dx$.

EXEMPLIFICANDO

$$2^2 = 4$$

$$\int_0^2 x^2 dx = 4$$

Mas de modo algum, ambas são a mesma propriedade.

A concepção atualista é que propriedades são tipos de coisas exemplificadas em objetos e que são exemplificadas nos objetos em mundos possíveis.(Plantinga 1976). O entendimento de Plantinga é o de que um objeto “a” tem uma propriedade Z, em um mundo W, se o mundo inclui “a” tendo essa propriedade. Não sendo a propriedade algo que possa ser exemplificado sem o objeto, como algo à parte do objeto em um mundo. Como por exemplo, Uziel, que nesse mundo tem a propriedade de ser estudante de filosofia. Vemos então a propriedade de ser estudante de

filosofia, exemplificada em Uziel. Da mesma forma um objeto como o número 12, que tem a propriedade nesse mundo de ser o número dos apóstolos de Cristo, mas que em outros podem não ter essa propriedade, mesmo que lá ele também exista.

3.2.1 Distinção entre propriedade accidental e necessária

Plantinga entende que uma propriedade é essencial para um objeto, se é o caso que esse objeto tem essa propriedade em todo mundo em que o mesmo existe. E uma propriedade pode ser chamada de accidental se o objeto existe em outro mundo sem que tenha aquela propriedade. Por exemplo, Uziel tem 181 cm de estatura, da planta dos pés até o alto da cabeça. Em outros mundo possíveis, Uziel pode não tem essa propriedade, mas sim ter a propriedade de ter 152 cm de estatura, por exemplo. Então a propriedade de ter 181 cm de estatura é uma propriedade accidental para Uziel. Mas no caso de Uziel ter a propriedade de ser um humano, essa é uma propriedade que Uziel carrega em todos os mundos possíveis, condição indispensável para que Uziel seja ele mesmo.

Plantinga entende ainda que todos os objetos têm a propriedade essencial da existência. Sendo isso circunstancial, sob a ideia de que “ todo objeto tem existência em cada mundo em que existe”. E indo um pouco mais a fundo, podemos afirmar que Plantinga entende que existem seres necessários. “Isso não quer dizer, no entanto, que todo objeto é um ser necessário. Um ser necessário é aquele que existe em todo mundo possível; e apenas alguns objetos [...] têm essa distinção.” (Plantinga,1976). Entes necessários são aqueles que existem em todos os mundos possíveis e no entendimento de Plantinga, fazem parte desse grupo propriedades, números, conjuntos puros, proposições, estados de coisas e Deus.

3.3 Essências

Essências são, para Plantinga, propriedades com uma significância particular. As essências, ou como ele também coloca, naturezas individuais, são também propriedades essenciais dos indivíduos. “Entre as propriedades essenciais para uma objeto, existe uma (ou algumas) de significado particular; estas são suas essências ou naturezas individuais (...). Vou usar ‘essência’; por ser mais fácil” (Plantinga 1976, p.149). Plantinga utiliza o termo para se referir a algo essencialmente único para um indivíduos, sendo algo sem o qual o indivíduo não existe, em nenhum mundo possível. Como no caso da Platonicidade, que seria a propriedade de ser idêntico a Platão.

Acontece que, para Plantinga, essa não é a única essência de Platão. E para que possamos compreender as outras, temos que perceber que Platão tem propriedades indexadas ao mundo. Ou seja, para qualquer propriedade e mundo, existe a propriedade indexada a esse mundo. Algo como P-em-W, para uma propriedade P em um mundo W. Da mesma forma, qualquer objeto é exemplificado com essa propriedade P em um mundo W, se o mundo inclui esse objeto tendo essa propriedade. E é dessa forma que ele apresenta a propriedade indexada ao mundo: Verdadeira-em- α . “Verdadeiro-em- α caracteriza todas as proposições que são de fato verdadeiras” (Plantinga 1976, p.149.). E isso é caracterizado assim, em todos os mundos possíveis. Onde pode ser o caso que algo não seja verdade em W, mas seja verdade em α . Tomemos como exemplo a proposição.

Uziel é um aluno mediano

Essa proposição pode ser falsa, mas mesmo se tivesse sido, em algum mundo possível, α poderia ter incluído a verdade dessa proposição e seria ela uma proposição Verdadeiro-em- α . Plantinga entende que Verdadeiro-em- α é uma propriedade não contingente, mas sim necessária. Sendo então o caso que toda propriedade tem essa propriedade ou o complemento dela. E da mesma forma acontece com qualquer propriedade indexada a um mundo. Se uma propriedade é indexada em um mundo, nenhum objeto tem essa propriedade ou o seu complemento de maneira accidental, mas sim de modo essencial.

Aqui farei uma pausa na explicação sobre categoria das essências, porque, como disse anteriormente, acredito que para avançar seja necessário o entendimento da visão de Plantinga a

respeito de domínios, para que assim possamos retomar a explicação sobre a visão dele a respeito das essências.

3.4 Domínios

Plantinga entende que, na concepção canônica, o domínio de um mundo W é o conjunto de objetos que existem em W , e concorda que objetos têm propriedades nos mundos e que algumas propriedades são essenciais para esses objetos. Aqui, nessa seção do capítulo 3 irei apresentar a visão de Plantinga a respeito dessa categoria e uma deficiência apresentada por ele à visão de Kripke.

Plantinga apresenta em sua teoria uma concepção de domínio distinta da visão de Kripke. Mesmo ele aceitando a ideia de que de fato para um mundo W , há um conjunto que contém apenas os objetos que existem em W . Para Plantinga a ideia de domínio não tem muita força, como ele mesmo coloca “Na visão atualista, no entanto, os domínios perdem muito do seu significado” (Plantinga 1976, p.155). E haja vista que, para ele, domínios são tipicamente contingentes. Tomemos como exemplo o seguinte caso:

- Se Uziel não existisse, não haveria nenhum conjunto que o contivesse. E consequentemente o domínio daquilo que temos como domínio de α , não existiria ou seria diferente por não possuir Uziel como elemento.

Dessa forma, Plantinga entende que os mundos possíveis são necessários, mas que os domínios desses mundos não são essenciais a eles. Consequentemente, se Uziel não existisse, o domínio de α seria um conjunto diferente e apenas isso que mencionei na observação anterior. Para ele não existem objetos distintos de que há em α , mas sem dúvida ele concede que poderia haver objetos diferentes do que existem em α .

Retomemos o ponto em relação às essências e sua relação com os domínios para tornar mais clara essa parte da teoria.

3.5 Essências (Segunda parte)

Nesta segunda parte sobre essência, irei continuar falando sobre o entendimento que Plantinga tem sobre as essências.

Sócrates é um ser contingente, sua essência não. Para Plantinga propriedades, como proposições e mundos possíveis, são seres necessários. Dessa forma, por exemplo, se Uziel não existisse, a essência dele não seria exemplificada, mas não podemos dizer que ela é inexistente. Aquilo que podemos chamar de *Uzielidade* é essencial para Uziel. Já a Uzielidade não tem essencialmente a propriedade de ser exemplificada por Uziel. Acontece apenas que ela não é exemplificada em mundos onde Uziel não existe. Consequentemente, podemos dizer que ser exemplificado com a Uzielidade é essencial para Uziel, mas para a Uzielidade, Uziel é acidental.

Mas podemos vir a perguntar: Como assim, essências não exemplificadas? Como ele sustenta isso?

3.5.1 Domínios essenciais

Plantinga entende que associado a cada mundo possível W está o conjunto de essências exemplificadas em W . Esse é o domínio essencial de W . Sendo aquilo que ele chama de U_E , o conjunto das essências. U_E contém também as essências que não são exemplificadas, como no caso da essência de Uziel que não é exemplificada em mundos onde ele não existe. E então, para Plantinga, possivelmente existe um mundo W , cujo domínio essencial contém uma essência que não é de fato exemplificada e, portanto, U_E contém alguma essência que não é exemplificada, por ser essa a união de todos os domínios essenciais de todos os mundos possíveis.

Passemos para a última seção desse capítulo, onde falo sobre condições de verdade em Plantinga.

3.6 Condições de Verdade em Plantinga

Passemos então para seção final, onde Plantinga fala sobre as Condições de Verdade, em sua teoria atualista. Vamos começar a partir de proposições simples, como por exemplo:

(1) $(\exists x)$ x é uma flor preta.

Essa proposição é verdadeira se e somente se houver algum membro da união dos domínios essenciais, que é exemplificado com a propriedade de ser uma flor preta. E do mesmo modo (1) é verdadeira em um mundo W qualquer, se o domínio essencial desse mundo contém uma essência que é coexemplificada com essa propriedade em W.

Vejamos então outra proposição

(2) Possivelmente $(\exists x)$ x é uma flor preta

Essa é verdadeira se há um mundo no qual (1) é verdade, ou seja, se há uma essência que em algum mundo é coexemplificada com a propriedade de ser uma flor preta. Temos então, por consequência, que (2) é ou necessariamente verdadeira ou necessariamente falsa.

No caso de uma proposição como:

(3) $(\exists x)$ possivelmente x é uma flor preta

Essa proposição é verdadeira se algum membro da U_E é coexemplificado com a propriedade de possivelmente ser uma flor preta. Então (3) é verdadeira se alguma essência exemplificada está coexemplificada em algum mundo possível com a propriedade ser uma flor preta.

Dessas duas proposições podemos entender que (3) pode implicar em (2), mas que o contrário não é o caso. Ou seja:

(3) é verdadeira em um mundo possível W_1 se algum membro do seu domínio está coexemplificado em algum mundo W_2 como sendo uma flor preta. Mas no caso de (2), parece não implicar (3). Porque é possível que existam flores pretas, mas também é possível não existam coisas que poderiam ser flores pretas.

Passemos agora a outras proposições:

(4) Roberto é habilidoso no futebol

Essa proposição é verdadeira se a essência de Roberto é exemplificada com habilidade em W. Até aí tudo bem, mas o que ocorre no caso de

(5) Roberto não é habilidoso no futebol?

Plantinga entende que sentenças como (5) são de fato ambíguas, expressando duas proposições diferentes. Uma delas pode ser expressa do seguinte modo:

(5.1) Roberto é *inabilidoso* no futebol.

Essa sentença se refere a falta de habilidade de Roberto. Sendo essa verdadeira nos mundo onde a essência dele é coexemplificada não tendo habilidade no futebol.

Acontece que (5) pode também expressar a negação de (4) do seguinte modo:

(5.2) Não é caso que Roberto seja habilidoso no futebol.

Então (4) é falsa em um mundo onde Roberto não existe. Mas (5.2) é verdadeira neste mundo. E a diferença aqui entre (5.1) e (5.2) é que (5.1) implica a existência de Roberto e (5.2) acaba por ser verdadeira em um mundo onde não existe Roberto.

Para Plantinga, esse é um claro exemplo da distinção entre uma proposição *de re* e uma *de dicto*. (5.1) sendo *de re*, pois versa sobre a propriedade de Roberto, no caso ser habilidoso no futebol e 5.2 fala sobre como (5) é falsa e não sobre Roberto, portanto, *de dicto*.

Vejam agora, no caso de proposições singulares existenciais. Tais como:

(6) Uziel existe

Essa proposição é verdadeira em mundos nos quais a essência de Uziel é coexemplificada com existência. Esses são os mundos onde Uziel existe. No caso de:

(7) Uziel não existe

E aqui novamente temos um caso de ambiguidade. Onde podemos expressar a mesma sentença como:

(7.1) Uziel não tem existência

e

(7.2) Não é o caso que Uziel exista

Temos então (7.2) que é a negação de (6) e que é verdadeira em mundo onde (6) é falsa. Como também em mundo onde a essência de Uziel é coexemplificada com não existência. Mas do ponto de vista atualista, não existem coisas que não existem, nem poderiam ter existido coisas que não existem. Então, como em nenhum mundo uma essência pode ser exemplificada com a não existência, 7.1 é necessariamente falsa.

Capítulo 4

Críticas à teoria de Plantinga

Acho curioso que Plantinga queira afirmar a existência de mundos meramente possíveis (mundos possíveis que não são reais), mas não meramente objetos individuais possíveis. Como observei anteriormente, Plantinga é um "atualize quem sustenta que não existem objetos que poderiam existir, mas de fato não existem. É claro que ele não nega que, em certo sentido, haja algum mundo possível em que haja pessoas" que não existem no mundo real. Mas o que isso significa, grosso modo, é apenas que essas pessoas teriam existido se esse mundo possível fosse real. Essas pessoas possíveis realmente não existem - elas não são reais. O que existe, de acordo com Plantinga, são as essências dessas pessoas. No entanto, parece-me que o que Plantinga deveria dizer, para ser consistente, é que apenas mundos possíveis também não existem, ou seja, ele deve ser um tipo similar de atualista com respeito de acordo com sua teoria, o que existe, não é o que eu chamaria de mundo possível, mas apenas uma espécie de proposição maximamente específica que descreve como seria esse mundo: o próprio mundo, a meu ver, não existe. Os mundos meramente possíveis (nesse sentido) não são mais reais do que os meramente possíveis indivíduos discutidos acima. Portanto, há um tipo de inconsistência nas visões de Plantinga.

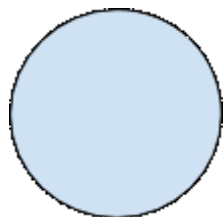
(Chihara 1998, pg.114-115)

Iniciarei este capítulo falando da crítica que Chihara faz à teoria de Plantinga. E posteriormente vou abordar a prova que Chihara apresenta a respeito da existência de mundos possíveis, tal como é postulada na teoria de Plantinga. Chihara apresenta essa prova e ele mesmo aponta a contradição que a teoria de Plantinga carrega.

4.1 A estrutura dos mundos possíveis de Plantinga

Chihara, partindo da estrutura que mundos possíveis na teoria de Plantinga teriam, questiona se não é um desafio à nossa compreensão a estruturação apresentada. Vejamos porque:

α é o mundo atual

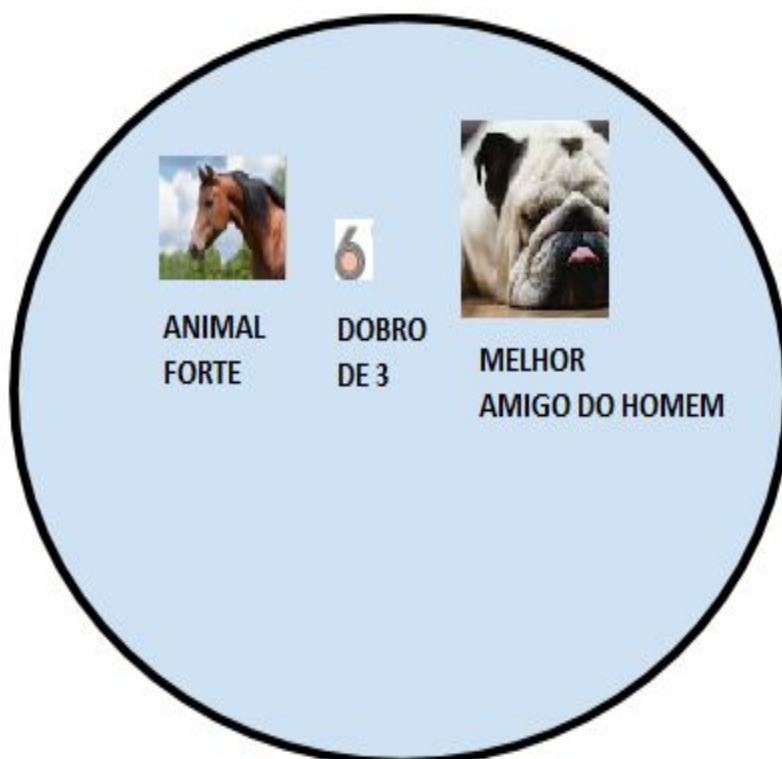


α

Tudo que existe, está em α



Como também todo fato a respeito de tudo que há em α .



Como também, todo fato sobre mundos possíveis, tendo em vista que para Plantinga todo mundo possível está em α .



Como da mesma forma, todos os mundos possíveis desses mundos possíveis também estariam em α e conseqüentemente, de modo infinito.

Considere quais propriedades esses "mundos possíveis" deveriam ter. A quantidade de "estrutura" postulada para esses estados de coisas é incompreensível. Seja um "mundo real". Tudo o que existe (pessoas, terra, partículas de areia, átomos, elétrons, propriedades, números, conjuntos, etc.) está em α ; e todos os fatos sobre todas essas entidades também estão incluídos em α . Mas isso não é tudo: todos os fatos possíveis sobre todas as coisas possíveis também estão incluídos em α . Isso ocorre porque todo mundo possível está em um. De fato, Plantinga nos diz que, como os mundos possíveis necessariamente existem, todo mundo possível está em todo mundo possível. Assim, α contém não apenas toda a estrutura da teoria da propriedade, teoria dos conjuntos e matemática em geral, mas também toda a estrutura da qualquer outro mundo possível, e essas outras estruturas contêm toda a estrutura de qualquer outro mundo possível, incluindo a e assim por diante ad infinitum.

(Chihara 1998, p.121)

Chihara não vê razões para aceitar essa ideia de que então teríamos estruturas complexas e mais complexas, infinitamente. Algo como espelhos que refletem e se refletem criando ainda mais complexidade, tudo isso contido em α . Mas ainda assim ele apresenta uma prova da existência de mundos possíveis, a partir de pressupostos da teoria de Plantinga. Chihara vê um custo ontológico altíssimo e mesmo aceitando que existam estados de coisas, não parece que isso leve a aceitar que existam mundos possíveis.

4.2 A prova de Chihara

Chihara apresenta uma prova na qual, a partir de premissas extraídas da teoria de Plantinga, ele demonstra a existência de mundos possíveis, mas essa prova leva a uma contradição.

Vejamos:

P1. estados de coisas existem

P2. todo estado de coisas s tem um complemento s^*

P3. se s é um estado de coisas, então necessariamente ou s é atualizado ou s^* é atualizado

P4. dado qualquer estado de coisas possível s , existe um conjunto cujos elementos são todos os estados de coisas possíveis que incluem s .

P5. dado qualquer conjunto A de estados de coisas, a conjunção desse conjunto, todos os elementos de A serem atualizados, existe

Podemos a partir disso, inferir:

De P1 - se existem estados de coisas, pelo menos um estado de coisas existe. Estado que aqui chamaremos de s .

De P2, - se temos um estado de coisas chamado s , esse estado de coisas tem um complemento s^* .

P3 - temos que, necessariamente, ou s é atualizado, ou s^* é atualizado.

Chihara coloca que Plantinga aceita a existência um estado de coisas t , que seria o seguinte:

$t =$ ou s é atual ou s^* é atual.

De P4 podemos afirmar que existe um conjunto S de todos os estados de coisas possíveis, que por sua vez inclui t .

Seguindo então através do axioma da separação:

Se z é um conjunto e e é qualquer propriedade que possa ser atribuída a elementos x de z , então existe um subconjunto y de z que contém os elementos x e de z que possuem essa propriedade.

Podemos inferir a existência de um conjunto T contido em S , de todos os elementos de S que são atuais. Dessa forma t é necessariamente atualizado e T é o conjunto de todos os estados de coisas atualizados.

De P5 - Podemos inferir a conjunção de T , como algo que existe e que é um estado de coisas. O estado de coisas que coloca todos os elementos de T como atualizados. De modo que se $\wedge T$ é atualizado, então $\wedge T$ é possível. E podemos dizer que é maximal, pelo seguinte:

- Seja r um estado de coisas qualquer
- Se r é atualizado, então é um elemento de T e conjunção de T inclui ele.
- Se r não é atualizado, P2 coloca que então existe r^* e por P3, podemos dizer que r^* é então atualizado.

Então, qualquer estado de coisas r ou está incluído em $\wedge T$ ou $\wedge T$ inclui r^* . Portanto $\wedge T$ é um mundo possível, por definição.

Chihara entende que a partir dessa demonstração, é possível chegar a um mundo possível, através dos princípios P1, P2 P3, P4, P5. Mas acontece que esses princípios levam a uma contradição na teoria de mundos possíveis apresentada por Plantinga. De modo tal que, se ele resolver abdicar de P4 ou P5, Plantinga acaba por não conseguir apresentar prova consistente da existência de mundos possíveis e se assumir os 5 princípios, cairá em contradição.

Não abordarei aqui toda a crítica que Chihara apresenta a teoria de Plantinga, como as especificidades da contradição, pois o intuito é apenas apresentar um caminho consistente de divergência direta a Plantinga. Em resumo entendo que a consistente crítica de Chihara se baseia em três pontos principais: uma estrutura altamente complexa e fantasiosa, incapacidade de provar a existência dos tais estados maximais e a incapacidade de provar a existência de mundos possíveis tal como postula, sem cair em contradição, mesmo com pressupostos extremamente pesados.

Capítulo 5 - Considerações finais

Conclusão

Quero iniciar minhas considerações finais sendo franco e falando das expectativas que eu nutria quando iniciei minhas leituras a respeito de mundos possíveis. Inicialmente pensei haver uma concepção clara e pontual que era discutida entre alguns autores, mas que, ainda assim, havia um certo consenso. Ledo engano. Ao adentrar o mundo dos mundos possíveis deparei-me com teorias distintas e que por vezes se contrapunham e que isso ocorria até entre as que são entendidas como de uma mesma categoria ou grupo, como no caso dos chamados realistas moderados. Sim, fui ingênuo. Dito isto quero agora fazer breves comentários a respeito das concepções apresentadas e concluir com meu entendimento da discussão a respeito da noção de mundos possíveis.

A respeito do modo como Lewis entende a noção de mundos possíveis, quero dizer que considero interessante o modo como ele postula os mundos possíveis sem prioridade de atualidade, sendo então todos em pé de igualdade nesse sentido. Essa ideia parece ser a mais próxima daquela que as pessoas que não discutem o tema formalmente pensam quando ouvem alguém falar sobre “mundos possíveis”, por postular outros mundos tais como o nosso mas onde ocorrem coisas diferentes do modo como temos aqui. Sem dúvida é a concepção que mais provoca a imaginação. Mas ainda assim não me parece que ele consiga responder de modo satisfatório as críticas apresentadas à sua concepção, como por exemplo a respeito de quais seriam os critérios para definir as contrapartes de objetos em outros mundos possíveis. Onde ele deixa uma certa liberdade de escolha e isso me parece um ponto não muito firme de sua teoria, sendo que cada um pode definir qual seria o melhor critério de semelhança. Apesar disso, considero sua concepção útil para pensar questões modais e tendo a considerar que ela seja forte internamente.

A respeito da concepção de Kripke, me somo a Plantinga e aos que entendem como sendo engenhosa. Mas também concordo com Plantinga quando ele coloca que essa concepção deixa aberta a possibilidade de entendimento de que existem objetos que não existem.

A respeito da concepção de Plantinga entendo que ela amplia a visão de Kripke e de fato

propõe um ganho com saídas inteligentes como a de tirar a força dos domínios que não são necessários, mas contingentes, diferentemente da concepção chamada de canônica. Plantinga propõe uma noção mais enxuta de mundos possíveis e me faz tender a ela quando considero o tema, dentre outros pontos, pela sua e distinção ontológica entre os mundos possíveis, diferente do que ocorre na visão proposta por Lewis. Mas sem dúvida, a visão de Plantinga, também carece de ajustes para lidar melhor com as críticas apresentadas, como por exemplo a de que definir mundos possíveis como estados de coisas sem definir o que são estados de coisas pode ser visto como algo que leva a uma circularidade. Plantinga, embora hábil e engenhoso, consegue apenas conceitualizar mundos possíveis como estados de coisas. Deixando, ao meu ver, algo quase como uma essência que não pode ser exemplificada, mas que ainda assim não pode ser dita como inexistente, assim me parecem os mundos possíveis em Plantinga. Embora se for esse seu objetivo final, como alguns entendem que seja, posso dizer que foi exitoso em sua empreitada.

Concluo esse estudo a respeito de mundos possíveis com o entendimento de que apesar das dificuldades apresentadas e dos problemas que os autores ainda estão a resolver em suas concepções, há sem dúvida um ganho e conseqüentemente um avanço no estudo das questões de modalidade, mesmo sem uma concepção precisa a respeito do que são mundos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIHARA, C. *The worlds of Possibility: Model Realism and the Semantic of Modal Logic*. Oxford University Press, New York, 1998.

JACINTO, B. *Mundos Possíveis* - Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014.

LEWIS, D. *Counterfactuals*. Malden, Blackwell, 1973.

MENDONÇA, J. "Da natureza metafísica de mundos possíveis". Revista *Dissertatio de Filosofia*, Pelotas, 2015.

PLANTINGA, A. Actualism and possible worlds. *Theoria*, Vol.42. pages 139 - 160 Michigan, 1976.